



MANIFESTO DAS MULHERES DO GT SALVADOR E REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR DA SALVAGUARDA DA CAPOEIRA NA BAHIA

Nós, mulheres que compõem o GT RMS da Salvaguarda da Capoeira na Bahia, mulheres atuantes - como tantas outras companheiras - no cenário da capoeira, viemos manifestar nosso posicionamento diante da repercussão sobre o risco de silenciamento de mais uma situação de violência de gênero na capoeira, a partir da ampla veiculação de um depoimento em vídeo, dado pela mestra Dandara Baldez e veiculado através do Youtube, pelo canal do Coletivo Ponto Art. Nele, a mestra denuncia um abuso cometido por conhecido mestre de capoeira angola. Lamentável. Em seguida, também tivemos conhecimento de um vídeo com ampla veiculação em grupos de whatsapp, gravado pelo mestre Cobra Mansa, solicitando uma ‘oportunidade de diálogo’.

Ocorreram, assim, algumas manifestações advindas de coletivos compostos de mulheres em sua maioria, repudiando o fato e prestando solidariedade à mestra. Há amplo registro dessa movimentação nas redes sociais. Elucidamos que a presente manifestação, se orienta pelas indicações (ou falta delas) do Plano de Salvaguarda da Capoeira da Bahia, construído em longo processo de reuniões coletivas, entre diferentes segmentos e territórios da capoeira no Estado da Bahia.

Nosso maior objetivo é entender essa lamentável denúncia de abuso sob uma ótica que pretende contribuir para o debate e para a nossa reflexão enquanto representantes múltiplos e diversos da capoeiragem e da sua Salvaguarda. Não entendemos como nossa função emitir julgamentos ou sentenças sobre os envolvidos e os que se envolveram desde a veiculação do depoimento da mestra Dandara.

Contudo, a comunidade da capoeira necessita, com urgência, refletir coletivamente e falar sobre seus tantos, inúmeros e recorrentes episódios de abuso, e sobre os também inúmeros representantes da capoeira que os cometem e que prosseguem ilesos e equivocados, achando que nenhuma consequência há em seus atos que traumatizam vidas, silenciam pessoas e transformam a capoeira em um ambiente perigoso, não apenas para mulheres, mas também para meninas e meninos. Esse ambiente em que vemos com apreensão o envolvimento de nossos filhos, é a Manifestação Cultural para a qual criamos tantas estratégias, buscando combater o preconceito social que sempre tratou a capoeira como coisa marginal e de marginais...

Estamos falando da nossa capoeira!

Somos “cúmplices”, na atualidade, diante de todas as muitas revelações que vem escapando como capoeira por debaixo de muitos tapetes, da existência de caminhos espúrios em nossa comunidade.

Perguntem a qualquer mulher da capoeira (sejam mais velhas ou mais novas) sobre uma história de abuso que sofreu na capoeira e ela vai te contar! Ou melhor, talvez não. Muitas ainda não terão esta coragem porque há sempre o poder de ‘homens da capoeira’ em jogo (tanto velhos, quanto jovens). Difícil comprar a briga (não é jogo, é briga!) com uma tradição masculina que tem ‘telhado de vidro despedaçado’, mas que se mostra hábil, através do terrível apoio do silenciamento, em ‘tapar o sol com a peneira’. O mecanismo de perpetuação destes silêncios acontece todo dia e toda hora. Recentemente, outro (re)conhecido mestre ao ser chamado para se posicionar acerca de episódio de abuso amplamente divulgado em redes sociais, cometido por seu aluno, também mestre, se esquivou. Disse

(e pessoas presentes ouviram) que não poderia se posicionar por ter o ‘rabo preso’. Não dizemos quem é, mas sabemos quem é. E vai continuar assim. E vão continuar assim. Silenciosxs e Silenciadx: somos tão capoeiristas que silenciemos o silêncio?! Não contamos que não contamos!

Mas, segundo uma boa reflexão conhecida por todos, a capoeira é também o espaço onde o “engano se enganou”.

O que temos de diferente no episódio da mestra Dandara Baldez, é que ela se posicionou, avançando na coragem de se colocar publicamente, ainda que não sendo explícita ao não mencionar o nome do mestre abusador. Já o mestre que apresenta o vídeo, se coloca publicamente, embora não assuma a responsabilidade ou não faça declarações sobre o fato denunciado em si, solicitando diálogo com a comunidade. Solicita uma ‘oportunidade’. Para quê? Para defesa? Para diálogo? Para explicação?

O que faremos com essa situação ‘nova’ que se apresenta com essa configuração pela primeira vez na nossa experiência histórica de capoeira, no âmbito da luta pela igualdade de gênero?

Nenhuma mulher quer ouvir explicação sobre o inexplicável. Não dá para acolher mais desrespeito. Lutamos aqui por nós, por nossas ancestrais, por todas que virão para perpetuar o espaço que acreditamos ser de promoção da identidade e de combate às opressões, facetas da capoeira que abraçamos, representamos e nos dedicamos. Nos interessa o diálogo, não explicação. A coragem de mestra Dandara vai ficar, sim, gravada na história da capoeira. Isso é fato. Por tudo que move e reverbera nessa ação. Reconhecemos e acolhemos com empatia a sua atitude. Grupos e grupos de zap de capoeira (com a temática da mulher, logicamente) estão se virando e revirando por conta dessa história e a forma com que está conectada com a história de cada mulher capoeirista que existe.

Pensamos que essa história já pertence a todxs nós. Pensamos que uma retratação pública do mestre acusado pode ajudar a minimizar as consequências e a descredibilidade que a comunidade vai sofrer e que a capoeira já sofre permeada por tantas histórias assim. Falta de fé em nós mesmxs. Decepção de muitxs.

Tampouco encontramos argumentos para a maneira como o povo negro foi inserido a força por um sistema bruto em toda a América, primeiramente através o imenso período de escravidão e, depois, ao ‘deus dará’ a que foram todxs (homens e mulheres, nossas rainhas e reis) sentenciadx: o ‘deus dará da violência’.

O fato da história da capoeira estar diretamente ligada com tantas consequências para o povo afro-brasileiro, não permite que percamos de vista o grau complexo de construção social que envolve grande parte de nossos guardiões da capoeira. Aqueles que chamamos de mestres, muitas vezes em atitudes de idolatria promovidas por encantamento nosso - causado por tantas habilidades que apresentam-, sejam jovens ou velhos, são em bem grande parte, homens de experiências de vida cheias de contradições, cheias de aprendizagens vinculadas a sobrevivência, relacionadas às educações subtraídas, omitidas, distorcidas e contaminadas pela cultura da violência, sobretudo da violência de gênero. Ninguém é coitadinhx na capoeira, mas vítimas sociais, somos todXs. Até ganharmos consciência histórico-social e podermos resistir e reagir.

A tragédia da colonização ainda hoje boicota nossa visão de coletivo e de avanço social.

Diante de todo o exposto e percebendo a necessidade de um melhor direcionamento das nossas atitudes enquanto comunidade de capoeira composta por tão diverso e controverso público e autorxs, buscamos, junto ao Plano de Salvaguarda, ações que nos orientem no sentido de transmutar a opressão e o imediatismo das reações a que fomos condicionadx, e abrir a guarda para aprender lições fundamentais para que a gente represente a capoeira da forma como a arte e cultura negra merecem.

Uma primeira observação é a ausência de indicativos no Plano relativos à mediação e suas subsequentes punições ou impedimentos de qualquer um/a que pratique violência. Demonstramos, assim, que a capoeira espera se ‘auto regular’ diante de desafios internos que se apresentem. No entanto, com certo aceleração em relação ao posicionamento e ocupação de espaços, inclusive de

lugares de fala por mulheres nos últimos tempos, demos falta no Plano, de um tratamento direcionado a algumas questões específicas norteadoras de necessidades mais atuais.

No Plano, falamos sobre garantia de espaços para a discussão das questões de gênero e violência contra mulher (AÇÃO 2), ou sobre a pesquisa e divulgação da memória das trajetórias de mulheres na capoeira e suas atuações (AÇÕES 15, 34 e 48). Assim, percebemos que, ainda que pouco específico, o indicativo de roda de conversa, da promoção de discussão, é o principal item do Plano para promover sensibilização e conscientização da comunidade capoeirística acerca das suas dinâmicas. Percebemos a AÇÃO 2 como a ação que mais nos aproxima de uma pedagogia eficiente oriunda dos povos originários da capoeira, que nos inspira a usar a roda e a comunidade para a resolução de impasses.

Assim, nos dispomos, enquanto integrantes do GT Salvador e RMS do Conselho Gestor da Salvaguarda na Bahia e enquanto mulheres representantes da nossa coletividade, a promover diálogos com pessoas interessadas em fazer dessa discussão, passos para uma melhor conduta de todxs nós, capoeiristas, em relação aos multifacetados aspectos que viemos citando ao longo desse documento.

Convidamos as partes envolvidas a se disponibilizarem para um diálogo com a comunidade em local e em data a serem definidos e da forma que seja possível (ou no mesmo momento, ou em momentos diferentes), mediadxs por capoeiristas que atuem e sejam engajadxs na luta contra a violência de gênero.

Essa conversa almeja primeiramente, contribuir para quebrar o silenciamento e para avançarmos em direcionamentos e atitudes que sejam amplamente absorvidas por todxs nós diante do novo panorama que desejamos que se constitua na capoeira: o da igualdade de gênero e o de um ambiente seguro fisicamente, psicologicamente e simbolicamente para a nova geração.

Esta é uma tarefa de mulheres e homens! Destacamos a AÇÃO 3, que sugere realizarmos eventos de capoeira, “**respeitando a integridade física e moral dxs participantes.**” Essa discussão que pretendemos promover com pessoas e em âmbito presencial é minha, é sua, é de cada um/a, é de todxs nós! E pode nos auxiliar.

O silenciamento não pode ser uma opção para a capoeira.

Comprometemo-nos em oficializar tais convites para que o diálogo aconteça e em informar a comunidade sobre suas respostas de aceite ou recusa e futuros encaminhamentos advindos do que propomos como uma ação concreta ao nos vermos desafiadas por essa, reiteramos, lamentável situação.

Certas de estarmos cumprindo com o nosso papel de mulheres capoeiristas, no contexto do GT Salvador e RMS da Salvaguarda da Capoeira na Bahia, juntamo-nos a outras iniciativas que visam o melhor para a nossa comunidade da capoeira.

Mulheres Capoeiristas Integrantes do Grupo de Trabalho Salvador e Região Metropolitana de Salvador da Salvaguarda da Capoeira na Bahia:

Viviane Santos- Contramestra Princesa/Presidenta do GT Salvador e RMS

Patrícia Fernandes- Mestra Patrícia

Luísa Pimenta- Contramestra Lilu

Isabela Severo- Contramestra Tartaruga

Franciane Simplício – Professora Bizonha

Membros do Grupo de Trabalho Salvador e Região Metropolitana de Salvador da Salvaguarda da Capoeira na Bahia:

Eduardo Carvalho – Mestre Duda/Presidente do Conselho Gestor da Salvaguarda

Renato Daltro - Mestre Daltro

João Carlos da Hora – Mestre Cachaça

Membros da comunidade da capoeira que não compõem a Salvaguarda da Capoeira na Bahia:
Luciano Guimarães – Mestre Luciano
Kleber Silva – Contramestre Kabeção

Salvador, 24/03/2020.

- Links para maior entendimento desse manifesto:

<https://www.youtube.com/watch?v=sUfFH7lj9Gk> : Vídeo-denúncia Mestra Dandara Baldez

http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/_planosalvaguardacapoeirabahia.pdf : Plano da Salvaguarda da Capoeira na Bahia

*o vídeo relativo ao Mestre Cobra Mansa foi veiculado por whatsapp, não encontramos em nenhuma plataforma de rede social. Postaremos nos comentários desse Manifesto na página da Salvaguarda da Capoeira na Bahia (facebook e instagram).